

LIVRO VII

— Depois disto — prossegui eu — imagina a nossa natureza, relativamente à educação ou à sua falta, de acordo com a seguinte experiência. Suponhamos uns homens numa habitação subterrânea em forma de caverna, com uma entrada aberta para a luz, que se estende a todo o comprimento dessa gruta. Estão lá dentro desde a infância, algemados de pernas e pescoços, de tal maneira que só lhes é dado permanecer no mesmo lugar e olhar em frente; são incapazes de voltar a cabeça, por causa dos grilhões; serve-lhes de iluminação um fogo que se queima ao longe, numa eminência, por detrás deles; entre a fogueira e os prisioneiros há um caminho ascendente, ao longo do qual se construiu um pequeno muro, no género dos tapumes que os homens dos «robertos» colocam diante do público, para mostrarem as suas habilidades por cima deles.

— Estou a ver — disse ele.

— Visiona também ao longo deste muro, homens que transportam toda a espécie de objectos, que o ultrapassam: estatuetas de homens e de animais, de pedra e de madeira, de toda a espécie de labor; como é natural, dos que os transportam, uns falam, outros seguem calados.

— Estranho quadro e estranhos prisioneiros são esses de que tu falas — observou ele.

— Semelhantes a nós — continuei —. Em primeiro lugar, pensas que, nestas condições, eles tenham visto, de si mesmo e dos outros, algo mais que as sombras projectadas pelo fogo na parede oposta da caverna?

b — Como não — respondeu ele —, se são forçados a manter a cabeça imóvel todá a vida?

— E os objectos transportados? Não se passa o mesmo com eles?

— Sem dúvida.

— Então, se eles fossem capazes de conversar uns com os outros, não te parece que eles julgariam estar a nomear objectos reais, quando designavam o que viam?

— É forçoso.

— E se a prisão tivesse também um eco na parede do fundo? Quando algum dos transeuntes falasse, não te parece que eles não julgariam outra coisa, senão que era a voz da sombra que passava?

— Por Zeus, que sim!

c — De qualquer modo — afirmei — pessoas nessas condições não pensavam que a realidade fosse senão a sombra dos objectos.

— É absolutamente forçoso — disse ele.

d — Considera pois — continuei — o que aconteceria se eles fossem soltos das cadeias e curados da sua ignorância, a ver se, regressados à sua natureza, as coisas se passavam deste modo. Logo que alguém soltasse um deles, e o forçasse a endireitar-se de repente, a voltar o pescoço, a andar e a olhar para a luz, ao fazer tudo isso, sentiria dor, e o deslumbramento impedi-lo-ia de fixar os objectos cujas sombras via outrora. Que julgas tu que ele diria, se alguém lhe afirmasse que até então ele só vira coisas vãs, ao passo que agora estava mais perto da realidade e via de verdade, voltado para

objectos mais reais? E se ainda, mostrando-lhe cada um desses objectos que passavam, o forçassem com perguntas a dizer o que era? Não te parece que ele se veria em dificuldades e suporia que os objectos vistos outrora eram mais reais do que os que agora lhe mostravam?

— Muito mais — afirmou.

e — Portanto, se alguém o forçasse a olhar para a própria luz, doer-lhe-iam os olhos e voltar-se-ia, para buscar refúgio junto dos objectos para os quais podia olhar, e julgaria ainda que estes eram na verdade mais nítidos do que os que lhe mostravam?

— Seria assim — disse ele.

— E se o arrancassem dali à força e o fizessem subir o caminho rude e íngreme, e não o deixassem fugir antes de o arrastarem até à luz do Sol, não seria natural que ele se doesse e agastasse, por ser assim arrastado, e, depois de chegar à luz, com os olhos deslumbrados, nem sequer pudesse ver nada daquilo que agora dizemos serem os verdadeiros objectos?

— Não poderia, de facto, pelo menos de repente.

b — Precisava de se habituar, julgo eu, se quisesse ver o mundo superior. Em primeiro lugar, olharia mais facilmente para as sombras, depois disso, para as imagens dos homens e dos outros objectos, reflectidas na água, e, por último, para os próprios objectos. A partir de então, seria capaz de contemplar o que há no céu, e o próprio céu, durante a noite, olhando para a luz das estrelas e da Lua, mais facilmente do que se fosse o Sol e o seu brilho de dia.

— Pois não!

— Finalmente, julgo eu, seria capaz de olhar para o Sol e de o contemplar, não já a sua imagem na água ou em qualquer sítio, mas a ele mesmo, no seu lugar.

— Necessariamente.

c — Depois já compreenderia, acerca do Sol, que é ele que causa as estações e os anos e que tudo dirige no mundo visível, e que é o responsável por tudo aquilo de que eles viam um arremedo.

— É evidente que depois chegaria a essas conclusões.

— E então? Quando ele se lembrasse da sua primitiva habitação, e do saber que lá possuía, dos seus companheiros de prisão desse tempo, não crês que ele se regozijaria com a mudança e deploraria os outros?

— Com certeza.

d — E as honras e elogios, se alguns tinham então entre si, ou prémios para o que distinguisse com mais agudeza os objectos que passavam, e se lembrasse melhor quais os que costumavam passar em primeiro lugar e quais em último, ou os que seguiam juntos, e àquele que dentre eles fosse mais hábil em predizer o que ia acontecer — parece-te que ele teria saudades ou inveja das honrarias e poder que havia entre eles, ou que experimentaria os mesmos sentimentos que em Homero, e seria seu intenso desejo «servir junto de um homem pobre, como servo da gleba»¹, e antes sofrer tudo do que regressar àquelas ilusões e viver daquele modo?

e — Suponho que seria assim — respondeu — que ele sofreria tudo, de preferência a viver daquela maneira.

— Imagina ainda o seguinte — prossegui eu —. Se um homem nessas condições descesse de novo para o seu antigo posto, não teria os olhos cheios de trevas, ao regressar subitamente da luz do Sol?

¹ *Odisseia* xi. 489-490. Estes versos, já citados no princípio do Livro III (386c), pertencem ao lamento proferido pela sombra de Aquiles, quando Ulisses o felicita por continuar a ser rei no Hades.

— Com certeza.

— E se lhe fosse necessário julgar daquelas sombras em competição com os que tinham estado sempre prisioneiros, no período em que ainda estava ofuscado, antes de adaptar a vista — e o tempo de se habituar não seria pouco — acaso não causaria o riso, e não diriam dele que, por ter subido ao mundo superior, estragara a vista, e que não valia a pena tentar a ascensão? E a quem tentasse soltá-los e conduzi-los até cima, se pudessem agarrá-lo e matá-lo, não o matariam?

— Matariam, sem dúvida — confirmou ele.

b — Meu caro Gláucon, este quadro — prossegui eu — deve agora aplicar-se a tudo quanto dissemos anteriormente, comparando o mundo visível através dos olhos à caverna da prisão, e a luz da fogueira que lá existia à força do Sol. Quanto à subida ao mundo superior e à visão do que lá se encontra, se a tomares como a ascensão da alma ao mundo inteligível, não iludirás a minha expectativa, já que é teu desejo conhecê-la. O Deus sabe se ela é verdadeira. Pois, segundo entendo, no limite do cognoscível é que se avista, a custo, a ideia do Bem; e, uma vez avistada, compreende-se que ela é para todos a causa de quanto há de justo e belo; que, no mundo visível, foi ela que criou a luz, da qual é senhora; e que, no mundo inteligível, é ela a senhora da verdade e da inteligência, e que é preciso vê-la para se ser sensato na vida particular e pública.

c — Concordo também, até onde sou capaz de seguir a tua imagem.

— Continuemos pois — disse eu —. Concorda ainda comigo, sem te admirares pelo facto de os que ascenderam àquele ponto não quererem tratar dos assuntos dos homens, antes se esforçarem sempre por manter a sua alma nas altu-

d ras. É natural que seja assim, de acordo com a imagem que delineámos.

— É natural — confirmou ele.

— Ora pois! Entendes que será caso para admirar, se quem descer destas coisas divinas às humanas fizer gestos disparatados e parecer muito ridículo, porque está ofuscado e ainda não se habituou suficientemente às trevas ambientes, e foi forçado a contender, em tribunais ou noutros lugares, acerca das sombras do justo ou das imagens das sombras, e a disputar sobre o assunto, sobre o que supõe ser a própria justiça quem jamais a viu?

— Não é nada de admirar.

518a — Mas quem fosse inteligente — redargui — lembrar-se-ia de que as perturbações visuais são duplas, e por dupla causa, da passagem da luz à sombra, e da sombra à luz. Se compreendesse que o mesmo se passa com a alma, quando visse alguma perturbada e incapaz de ver, não riria sem razão, mas reparava se ela não estaria antes ofuscada por falta de hábito, por vir de uma vida mais luminosa, ou se, por vir de uma maior ignorância a uma luz mais brilhante, não estaria deslumbrada por reflexos demasiadamente refulgentes; à primeira, deveria felicitar pelas suas condições e pelo seu género de vida; da segunda, ter compaixão e, se quisesse troçar dela, seria menos risível essa zombaria do que se se applicasse àquela que descia do mundo luminoso.

— Falas com exactidão — afirmou.

— Temos então — continuei eu — de pensar o seguinte sobre esta matéria, se é verdade o que dissemos: a educação não é o que alguns apregoam que ela é. Dizem eles que introduzem a ciência numa alma em que ela não existe, como se introduzissem a vista em olhos cegos.

— Dizem, realmente.

— A presente discussão indica a existência dessa faculdade na alma e de um órgão pelo qual aprende; como um olho que não fosse possível voltar das trevas para a luz, se não juntamente com todo o corpo, do mesmo modo esse órgão deve ser desviado, juntamente com a alma toda, das coisas que se alteram, até ser capaz de suportar a contemplação do Ser e da parte mais brilhante do Ser. A isso chamamos o bem. Ou não?

— Chamamos.

— A educação seria, por conseguinte, a arte desse desejo, a maneira mais fácil e mais eficaz de fazer dar a volta a esse órgão, não a de o fazer obter a visão, pois já a tem, mas, uma vez que ele não está na posição correcta e não olha para onde deve, dar-lhe os meios para isso.

— Acho que sim.

— Por conseguinte, as outras qualidades chamadas da alma podem muito bem aproximar-se das do corpo; com efeito, se não existiram previamente, podem criar-se depois pelo hábito e pela prática. Mas a faculdade de pensar é, ao que parece, de um carácter mais divino, do que tudo o mais; nunca perde a força e, conforme a volta que lhe derem, pode tornar-se vantajosa e útil, ou inútil e prejudicial. Ou ainda não te apercebeste como a deplorável alma dos chamados perversos, mas que na verdade são espertos, tem um olhar penetrante e distingue claramente os objectos para os quais se volta, uma vez que não tem uma vista fraca, mas é forçado a estar ao serviço do mal, de maneira que, quanto mais aguda for a sua visão, maior é o mal que pratica?

— Absolutamente.

— Contudo, se desde a infância se operasse logo uma alma com tal natureza, cortando essa espécie de pesos de chumbo, que são da família do mutável e que, pela sua incli-

nação para a comida e prazeres similares e gulodices, voltam a vista da alma para baixo; se, liberta desses pesos, se voltasse para a verdade, também ela a veria nesses mesmos homens, com a maior clareza, tal como agora vê aquilo para que está voltada.

— É natural.

c — Ora pois! Não é natural, e não é forçoso, de acordo com o que anteriormente dissemos, que nem os que não receberam educação nem experiência da verdade jamais serão capazes de administrar satisfatoriamente a cidade, nem tão-pouco aqueles a quem se consentiu que passassem toda a vida a aprender — os primeiros, porque não têm nenhuma finalidade na sua vida, em vista da qual devam executar todos os seus actos, particulares e públicos; os segundos, porque não exercerão voluntariamente essa actividade, supondo-se trasladados, ainda em vida, para as Ilhas dos Bem-Aventurados²?

— É verdade.

d — É nossa função, portanto, forçar os habitantes mais bem dotados a voltar-se para a ciência que anteriormente dissemos ser a maior, a ver o bem e a empreender aquela ascensão e, uma vez que a tenham realizado e contemplado

² As Ilhas dos Bem-Aventurados eram, para os Gregos, um lugar de delícias no além. A mais antiga descrição dessa utopia figura em Hesíodo, *Trabalhos e Dias* 166-173, que imagina essa felicidade em função da mentalidade do agricultor: ausência de cuidados, produção rica e espontânea da terra. Embora tal concepção se vá espiritualizando em outros autores, é em Platão, a partir do mito do *Górgias*, que ela aparece definitivamente dotada de um conteúdo ético, tornando-se o lugar de prémio dos que praticaram o bem. É de notar que neste trecho perpassa, numa leve ironia, a noção de que a vida de estudo é a suprema felicidade.

suficientemente o bem, não lhes autorizar o que agora é autorizado.

— O quê?

— Permanecer lá e não querer descer novamente para junto daqueles prisioneiros nem partilhar dos trabalhos e honrarias que entre eles existem, quer sejam modestos, quer elevados.

— Quê? Vamos cometer contra eles a injustiça de os fazer levar uma vida inferior, quando lhes era possível ter uma melhor?

— Esqueceste-te novamente, meu amigo, que à lei não importa que uma classe qualquer da cidade passe excepcionalmente bem, mas procura que isso aconteça à totalidade dos cidadãos, harmonizando-os pela persuasão ou pela coacção, e fazendo com que partilhem uns com os outros do auxílio que cada um deles possa prestar à comunidade; ao criar homens destes na cidade, a lei não o faz para deixar que cada um se volte para a actividade que lhe aprouver, mas para tirar partido dele para a união da cidade.

— É verdade, tinha-me esquecido, realmente.

— Repara ainda, ó Gláucon, que não causaremos prejuízo aos filósofos que tiverem aparecido entre nós, mas teremos boas razões para lhes apresentar, por os forçarmos a cuidar dos outros e a guardá-los. Diremos, pois, que as pessoas da mesma espécie nascidas noutras cidades é natural que não tomem parte nas suas dificuldades; efectivamente, fizeram-se por si mesmas, a despeito da respectiva constituição política; e tem razão, quem se formou por si e não deve a alimentação a ninguém, em não ter empenho em pagar o sustento a quem quer que seja. Mas a vós, nós formámo-vos, para vosso bem e do resto da cidade, para serdes como os chefes e os reis nos enxames de abelhas, depois de vos

- c termos dado uma educação melhor e mais completa do que a deles, e de vos tornarmos mais capazes de tomar parte em ambas as actividades³. Deve, portanto, cada um por sua vez descer à habitação comum dos outros e habituar-se a observar as trevas. Com efeito, uma vez habituados, sereis mil vezes melhores do que os que lá estão e reconheceréis cada imagem, o que ela é e o que representa, devido a terdes contemplado a verdade relativa ao belo, ao justo e ao bom. E assim teremos uma cidade para nós e para vós, que é uma realidade, e não um sonho⁴, como actualmente sucede na maioria delas, onde combatem por sombras uns com os outros e disputam o poder, como se ele fosse um grande bem.
- d Mas a verdade é esta: na cidade em que os que têm de governar são os menos empenhados em ter o comando, essa mesma é forçoso que seja a melhor e mais pacificamente administrada, e naquela em que os que detêm o poder fazem o inverso, sucederá o contrário.
- Absolutamente — confirmou ele.
- Pensas que, ao ouvir isto, os nossos educandos não ficarão convencidos, e não quererão participar nos trabalhos da cidade, cada um por sua vez, embora passem a maior parte do tempo uns com os outros na região pura⁵?
- e — É impossível, porquanto fazemos imposições justas a pessoas que também são justas. Mais do que tudo, cada um irá para o poder constrangido, ao contrário dos governantes actuais de todos os Estados.

³ Entenda-se: a política e a filosofia.

⁴ Alusão ao verso homérico: «não é um sonho, mas uma visão autêntica, que há-de cumprir-se» (*Odisseia* xix. 547).

⁵ A expressão do original, ἐν καθαροῖσι, não tem conotação precisa. Há algo de místico no seu emprego em Platão, como nota

— Assim é, meu amigo. Se descobrires uma vida melhor do que governar, para os que devem governar, podes conseguir um Estado bem administrado. Pois só nesse mandarão aqueles que são realmente ricos, não em dinheiro, mas naquilo em que deve abundar quem é feliz — uma vida boa e sensata. Se, porém, os mendigos e os esfomeados de bens pessoais entram nos negócios públicos, pensando que é daí que devem arrebatam o seu benefício, não é possível que seja bem administrado. Efectivamente, gera-se a disputa pelo poder, e uma guerra dessas, doméstica e interna, deita-os a perder, a eles e ao resto da cidade.

521a

— Exactamente.

— Ora tu sabes de qualquer outro género de vida que despreze o poder político, sem ser o do verdadeiro filósofo?

b

— Por Zeus, que não!

— Ora a verdade é que convém que vão para o poder aqueles que não estão enamorados dele; caso contrário, os rivais entrarão em combate.

— Como não?

— Então que outras pessoas forçarás a ir para guardiões do Estado, senão aqueles que, sendo mais conhecedores dos métodos da melhor administração da cidade, usufruem de outras honras e de uma vida melhor do que a do político?

— Nenhumas outras.

— Queres então examinar já de que maneira se formarão homens dessa qualidade e como é que uma pessoa os

c

Adam, que recorda a insistência na palavra no *Fédon* (79d, 109b). A estes exemplos podemos acrescentar os do mito do *Fédro*.

fará ascender até à luz, tal como aqueles que se diz que saíram do Hades, para se elevarem até aos deuses⁶?

— Como não hei-de querê-lo?

— Isso não seria como o jogo de atirar um caco⁷, mas um voltar da alma de um dia que é como trevas para o verdadeiro dia, ou seja, a sua elevação até à realidade, que diremos ser a verdadeira filosofia.

— Absolutamente.

d Logo, deve analisar-se qual das ciências é que tem este poder?

— Pois não!

— Qual será então, Gláucon, a ciência que arrasta a alma do que é mutável para o que é essencial? Mas estou a

⁶ Tem-se discutido muito sobre a espécie de figuras míticas compreendidas nesta alusão. Entre as mais prováveis, enumeraremos Diónisos (cujo túmulo se mostrava em Delfos e cuja recepção no Olimpo aparece frequentemente em vasos gregos) e sua mãe Sêmele (cf. Pausânias II, 31.2 e 37.5), e ainda Asclépios e Hércules, que, de heróis, ascenderam a deuses. A dualidade da escatologia do herói tebano já se encontra, aliás, no final do Canto XI da *Odisséia*, numa parte considerada «recente», em que se afirma que a sua sombra está no Hades, mas ele toma parte nos banquetes olímpicos (601-604).

⁷ O significado exacto da expressão, que possivelmente se tornou proverbial a partir deste texto, foi objecto de controvérsia já entre os antigos. De qualquer modo, refere-se ao jogo da *δοτρακίονδα*, que Adam descreve assim: Os jogadores dividiam-se em dois partidos, separados por uma linha. Um dos rapazes atirava ao chão um caco, preto de um lado e branco do outro, gritando *νύξ ἢ ἡμέρα* ou *νύξ ἢ ἡμέρα* («noite ou dia» — correspondente ao nosso «cara ou coroa»). Conforme ficava para cima o branco ou o preto, um partido deitava a correr e o outro perseguia-o. O sentido da frase seria, portanto, que a educação não era um caso rápido e fortuito como o desse jogo. É de notar que a exclamação referida aparece adaptada na continuação da frase.

pensar noutra coisa, enquanto falo: não dissemos que era necessário que eles tivessem sido atletas guerreiros, quando eram novos?

— Dissemos, sim.

— É preciso, portanto, que esta ciência junte a seguinte qualidade àquela que procuramos.

— Qual?

— A de não ser inútil a guerreiros.

— É preciso, seguramente, caso seja possível.

— Anteriormente, a educação que lhes atribuímos era pela ginástica e pela música.

— Era.

— Mas a ginástica ocupa-se do que se altera e perece, porquanto trata do crescer e definhar do corpo.

— Assim parece.

— Logo, não poderia ser essa a ciência que buscamos.

— Não, realmente.

— Acaso o será a música, tal como anteriormente a descrevemos?

— Mas, se bem te lembras, ela era a réplica⁸ da ginástica, que ensinava os guardiões em matéria de costumes, proporcionando-lhes, por meio da harmonia, a perfeita concórdia, não a ciência; por meio do ritmo, a regularidade; e outros hábitos gémeos destes, nas narrativas, quer míticas, quer verdadeiras. Mas ensinamentos que levem ao ponto que procuras, não continha nenhuns.

⁸ O original diz a «antístrofe», termo que, por designar uma unidade métrica em perfeita correspondência estrutural com a estrofe, era adequado para sugerir a equivalência das duas artes consideradas.

— Está muito certa a tua lembrança: é que, na realidade, não proporcionava nenhum. Mas então, meu caro Gláucon, que ensino estará nessas condições? Já que as artes pareciam todas simples trabalho manual...

— Pois claro! Além disso, que ciência nos resta ainda, se pusermos de parte a música, a ginástica e as artes?

— Vamos! — prossegui eu —. Se de nada mais podemos lançar mão, fora estas, tomemos uma daquelas ciências que abrangem tudo.

— Qual?

c — Por exemplo, aquela ciência comum, da qual se utilizam todas as artes, todos os modos de pensar, todas as ciências — e também aquela que é preciso aprender entre as primeiras.

— Qual?

— Aquela modesta ciência — prossegui eu — que distingue o um do dois e do três. Refiro-me, em resumo, à ciência dos números e do cálculo. Ou não é ela de tal modo que toda a arte e ciência é forçada a ter parte nela?

— Sim, e muito.

— Até a arte da guerra?

— É absolutamente forçoso.

d — Realmente, é um general muito cómico, aquele Agamémnon que Palamedes está sempre a mostrar-nos nas tragédias⁹. Ou não reparaste que Palamedes, dizendo-se o inventor do número, pretende ter distribuído os postos do acampamento em Ílion e ter contado os navios e tudo o mais, como se antes estivessem por contar, e como se

⁹ Palamedes, herói da guerra de Tróia, inventor dos números e do jogo do xadrez, que desmascarara o expediente de Ulisses, de simular a loucura para não ter de acompanhar a expedição,

Agamémnon não soubesse sequer, ao que parece, quantos pés tinha, uma vez que não sabia contar? E agora que espécie de general achas que ele era?

— Um general esquisito, se na verdade era assim.

— Logo, que outra ciência havemos de considerar necessária a um guerreiro, como a de poder calcular e contar? e

— Essa mais do que todas, se quiser compreender alguma coisa de tática, e mais ainda, se quiser ser um homem.

— Pensas desta ciência o mesmo que eu?

— O quê?

— Pode muito bem ser uma daquelas ciências que procuramos, e que conduzem naturalmente à inteligência, mas de que ninguém se serve correctamente, apesar de ela nos elevar perfeitamente até ao Ser. 523a

— Que queres dizer?

— Tentarei mostrar qual a minha opinião. Examina comigo as coisas, que eu vou, pelo meu lado, distinguir como úteis para o que pretendemos, ou não, e aprova ou desaprova, a fim de vermos mais claramente se é como eu conjecturo.

— Mostra lá.

— Mostrarei que, se reparares bem, nas sensações, há objectos que não convidam o espírito à reflexão, como se ficassem suficientemente avaliados pelos sentidos, ao passo que outros obrigam de toda a maneira a reflectir, como se a sensação não produzisse nada de são. b

e por isso sofrera a vingança do herói, que, acusando-o de suborno por parte de Príamo, causara a sua lapidação, foi figura frequentemente tratada na tragédia. Tanto Ésquilo, como Sófocles e Eurípides compuseram um drama intitulado *Palamedes*, embora nenhum dos três se tenha conservado. É curioso que Ésquilo, no *Prometeu Agrilhoado*, atribui a invenção do número ao Titã.

— É evidente que te referes aos objectos que aparecem ao longe e aos desenhos com perspectiva.

— Não entendeste nada do que eu disse.

— Então que é que queres dizer?

c — Os objectos que não convidam o espírito à reflexão — esclareci eu — são todos aqueles que não conduzem simultaneamente a sensações contrárias; os que conduzem, colocam entre os que convidam à reflexão, sempre que a sensação, quer venha de perto, quer de longe, não põe em evidência se se trata de um objecto, se do seu contrário. Compreenderás mais claramente o que digo da seguinte maneira. Afirmando que estão aqui três dedos, o mínimo, o indicador e o médio.

— Perfeitamente.

— Imagina que estou a referir-me a eles como se fossem vistos de perto. Faz então as seguintes observações sobre eles.

— Quais?

d — Cada um deles parece igualmente um dedo, e sob esse aspecto, não faz diferença alguma que seja visto no meio ou na extremidade, que seja branco ou preto, grosso ou fino, e todas as outras distinções deste género. É que em todos estes casos, a alma da maior parte das pessoas não é forçada a perguntar ao entendimento que coisa é um dedo, porquanto em nenhuma ocasião a vista lhe indicou ao mesmo tempo que um dedo fosse algo de diferente de um dedo.

— De facto, não.

e — Portanto, é natural que uma sensação destas não convide o espírito à reflexão, nem o desperte.

— Naturalmente.

— E agora? Quanto à sua grandeza ou pequenez, acaso a vista as distingue suficientemente, e não lhe importa nada que qualquer deles fique no meio ou na extremidade? E, do

mesmo modo, o tacto em relação à espessura e à finura, moleza e dureza? E os restantes sentidos, acaso não são suficientes ao distinguir estas qualidades? Ou não é deste modo que cada um deles procede: em primeiro lugar, o sentido encarregado de perceber a dureza é forçado a encarregar-se também da moleza, e anuncia à alma que a mesma coisa é dura e mole, quando tem a percepção de que assim é.

— É isso — respondeu ele.

— Ora não é forçoso que, em tais circunstâncias, a alma fique perplexa ante o significado de uma sensação de dureza e de moleza no mesmo objecto, e bem assim da de leveza e de peso, sem saber o que é a leveza e o peso, uma vez que o que é pesado mostra ter também leveza, e o que é leve, peso?

b — Estas comunicações são realmente estranhas para a alma e carecem de exame.

— É natural, portanto, em tais circunstâncias, que a alma, em primeiro lugar, apele para o entendimento e a inteligência e tente examinar se cada uma destas informações diz respeito a uma coisa ou a duas.

— Pois não!

— Se lhe parecer que são duas, cada uma delas não parece distinta e una?

— Parece.

— Portanto, se cada uma delas lhe parece uma, e ambas lhe parecem duas, conceberá as duas como separadas; porquanto não poderia concebê-las como duas coisas não-separadas¹⁰, mas como uma só.

— Exactamente.

¹⁰ Conforme nota, em carta, o Doutor J. G. Trindade Santos, “por trás desta simples observação sobre a relatividade dos contrários se acha a questão filosófica das ‘Formas negativas’, alvo do sarcasmo de Aristóteles na *Metafísica* A 9”.

— Ora nós dissemos que também a vista via a grandeza e a pequenez, não como coisas separadas, mas misturadas. Não é assim?

— É.

— E, para clarificar o assunto, o entendimento é forçado a ver a grandeza e a pequenez, não misturadas, mas distintas, ao invés da visão.

— É verdade.

— Não é daí que, pela primeira vez, nos surge a ideia de indagar que coisa é a grandeza e a pequenez?

— Absolutamente.

— E foi assim que designámos o inteligível e o visível.

d

— Exactamente.

— Ora era isso mesmo que eu há pouco tentava dizer, que certos objectos convidam à reflexão, e outros não, colocando entre os primeiros os que recaem sobre a sensação acompanhada de impressões opostas; ao passo que os que não estavam nessas condições, os colocava entre os que não despertam o entendimento.

— Já compreendo, e parece-me que é assim.

— Ora pois! O número e a unidade, a qual dos dois te parece que pertencem?

— Não atinjo.

e

— Mas raciocina por analogia com o que dissemos anteriormente. Se a unidade é suficientemente vista tal como é, ou é apreendida por meio de qualquer outro sentido, não nos levaria até à essência, tal como dissemos a propósito do dedo. Mas, se na visão da unidade há sempre ao mesmo tempo uma certa contradição, de tal modo que não parece mais unidade que o seu inverso, será portanto já necessário quem julgue a questão, e em tal situação a alma seria forçada a uma posição de embaraço e a procurar, pondo em

acção dentro de si o entendimento, a indagar o que será a unidade em si, e assim é que a apreensão intelectual da unidade pode pertencer ao número das que incitam e voltam o espírito para a contemplação do Ser.

525a

— Ora a verdade é que a apreensão visual da unidade não pertence menos a esse número, pois vemos simultaneamente a mesma coisa como unidade e como ilimitada em multiplicidade.

— Mas se é assim com o número — prossegui eu — também com todos os números se dá o mesmo.

— Como não havia de ser?

— Mas realmente o cálculo e a aritmética são totalmente consagradas ao número?

— Totalmente.

— Essas ciências parecem, certamente, conduzir à verdade.

b

— Acima de tudo.

— São, portanto, ao que parece, daquelas ciências que procuramos. Com efeito, é forçoso que o guerreiro se aprenda, por causa da táctica, e o filósofo, para atingir a essência, emergindo do mundo da geração, sem o que jamais se tornará proficiente na arte de calcular.

— É verdade.

— Ora dá-se o caso de o nosso guardião ser guerreiro e filósofo.

— Sem dúvida.

— Seria, portanto, conveniente, ó Gláucón, que se determinasse por lei este aprendizado e que se convencessem os cidadãos, que hão-de participar dos postos governativos, a dedicarem-se ao cálculo e a aplicarem-se a ele, não superficialmente, mas até chegarem à contemplação da natureza dos números unicamente pelo pensamento, não cuidando deles por amor à compra e venda, como os comerciantes ou

c

retalhistas, mas por causa da guerra e para facilitar a passagem da própria alma da mutabilidade à verdade e à essência.

— Dizes muito bem.

d — Ora depois de falar da ciência de calcular, agora é que eu compreendo como é bela e útil de tantas maneiras ao nosso propósito, desde que uma pessoa a cultive por amor do saber, e não para a traficância.

— De que maneiras?

— É o facto de, como agora mesmo dizíamos, elevar poderosamente a alma para o alto e forçá-la a discorrer sobre os números em si, sem aceitar jamais que alguém introduza nos seus raciocínios números que tenham corpos visíveis ou palpáveis. Deves saber que os que são peritos nestes assuntos, se alguém tentar, na discussão, dividir a unidade em si, fazem troça e não lhe dão aceitação. Mas, se a divides, eles multiplicam-na¹¹ com receio de que a unidade não pareça uma, mas um composto de muitas partes.

e

— Dizes a verdade.

526a — E que te parece, ó Gláucon, se alguém lhes perguntasse: «Meus caros amigos, a respeito de que números é que estais a discutir, entre os quais estão as unidades, tal como vós entendeis que existem, cada qual absolutamente igual às outras, e sem diferir em nada, nem conter qualquer parte em si?» Que te parece que eles responderiam?

— Acho que diriam que falavam de números que se situam apenas na região do entendimento, e que não é possível manusear de nenhum outro modo.

b — Vês então, meu caro amigo, que é natural que esta ciência nos seja realmente indispensável, uma vez que se

¹¹ Entenda-se que multiplicam logo a unidade pelo mesmo factor por que foi dividida.

torna claro que obriga a alma a servir-se da inteligência em si para chegar à verdade pura?

— De facto, actua fortemente nesse sentido.

— Pois então! Já observaste que os que nasceram para o cálculo nasceram prontos, por assim dizer, para todas as ciências, e que os espíritos lentos, se forem instruídos e exercitados nele, ainda que não lhes sirva para mais nada, de qualquer maneira lucram todos em ganhar maior agudeza de espírito?

— Assim é.

— Além disso, segundo julgo, não seria fácil encontrar muitas ciências que proporcionem maior esforço na sua aprendizagem e na sua prática. c

— Pois não.

— Por todos estes motivos, não devemos abandonar esta ciência, mas sim formar no seu estudo os melhores engenhos.

— Concordo — respondeu ele.

— Fiquemos, portanto, com esta ciência. Vejamos se uma que lhe é afim porventura nos convém.

— Qual? Ou é à geometria que te referes?

— A essa mesma — respondi eu.

— Na medida em que se aplica às questões de guerra, é evidente que nos convém. Efectivamente, para formar um acampamento, para conquistar uma região, para cerrar ou dispor as fileiras e quantas evoluções fazem os exércitos nas próprias batalhas ou em marcha, há uma diferença entre quem é géometra e quem o não é. d

— Ora a verdade é que, para esse efeito, bastaria uma reduzida parte de geometria e cálculo. É preciso examinar se a parte central e mais adiantada tende para aquele objectivo, de fazer ver mais facilmente a ideia do bem. Ora tende e

para aí tudo o que força a alma a voltar-se para aquele lugar onde se encontra o mais feliz de todos os seres, o que ela de toda a maneira tem de contemplar.

— Está certo o que dizes.

— Portanto, se o que ela obriga a contemplar é a essência, convém-nos; se é o mutável, não nos convém.

— Assim o declaramos.

527a

— O certo é que — prossegui eu — mesmo aqueles que têm pouca prática da geometria não nos regatearão um ponto, a saber, que a natureza dessa ciência está em rigorosa contradição com o que acerca dela afirmam os que a exercitam.

— Como assim?

— Fazem para aí afirmações bem ridículas e forçadas. É que é como praticantes e para efeitos práticos que fazem todas as suas afirmações, referindo-se nas suas proclamações a quadraturas, construções e adições e operações no género, ao passo que toda esta ciência é cultivada tendo em vista o saber.

— Absolutamente.

— Não devemos ainda concordar no seguinte?

— Em quê?

— Que se tem em vista o conhecimento do que existe sempre, e não do que a certa altura se gera ou se destrói.

— É fácil de concordar — respondeu ele — uma vez que a geometria é o conhecimento do que existe sempre.

— Portanto, meu caro, serviria para atrair a alma para a verdade e produzir o pensamento filosófico, que leva a começar a voltar o espírito para as alturas e não cá para baixo, como agora fazemos, sem dever.

— É muito capaz de o fazer.

c

— Portanto, prescreveremos afincadamente aos habitantes do nosso belo Estado que não deixem, de modo algum, a

geometria. Além disso, os seus efeitos acessórios não são pequenos.

— Quais? — perguntou ele.

— Aqueles que tu disseste: os que dizem respeito à guerra, e, em especial, a todas as ciências, de modo que se apreendem melhor. De qualquer modo, sabemos que aquele que estudou geometria difere totalmente de quem não a estudou.

— Totalmente, por Zeus!

— Vamos então propor esta ciência em segundo lugar aos jovens?

— Vamos.

— Ora bem. E vamos pôr a astronomia em terceiro lugar? Ou não te parece?

— Parece-me, sem dúvida, porquanto convém não só à agricultura e à navegação, mas não menos à arte militar, uma perfeita compreensão das estações, meses e anos.

— Divertes-me, por pareceres receoso da maioria, não vá afigurar-se-lhes que estás a prescrever estudos inúteis. Mas eles não são de âmbito modesto, embora seja difícil de acreditar que nestas ciências se purifica e reaviva um órgão da alma de cada um que fora corrupto e cego pelas restantes ocupações, e cuja salvação importa mais do que a de mil órgãos da visão, porquanto só através dele se avista a verdade. Aqueles que entendem do mesmo modo não terão dificuldade em declarar que pensas bem, mas aqueles que não têm qualquer compreensão do assunto é natural que julguem que não vale nada o que dizes. Na verdade, não vêem nestas ciências nenhuma outra utilidade digna de apreço. Repara, pois, de uma vez para sempre, com qual destes partidos vais discutir. Ou não te diriges aos outros, e fazes os teus raciocínios sobretudo para ti mesmo, sem, todavia, negares a outrem qualquer vantagem que deles possa auferir.

d

e

528a

— É essa a minha escolha: falar, perguntar e responder sobretudo para mim mesmo.

— Vamos então tornar atrás, pois ainda agora não pegámos como deve ser na ciência a seguir à geometria.

— Pegar, como?

b — Depois da superfície, pegámos nos sólidos em movimento, antes de nos ocuparmos deles em si. Ora o que está certo é que, após a segunda dimensão, se trate da terceira, que é a dos cubos e a que possui profundidade.

— É isso, mas tal ciência parece que ainda não foi descoberta¹².

— Os motivos são duplos: porque nenhum Estado presta honra a estes estudos, a investigação é débil, devido à sua dificuldade; e os investigadores precisam de um director, sem o qual não farão descobertas. Primeiro que tudo, é difícil encontrá-lo; depois, no caso de aparecer, tal como as coisas estão agora, não lhe obedeceriam os que se dedicam a tais investigações, devido à sua arrogância. Mas se o Estado inteiro cooperasse com o director, honrando os seus traba-

¹² Trata-se da estereometria, criação, pelo menos em grande parte, de Teeteto, mas que só recebeu nome, como observa Adam, a partir de Aristóteles (*An. Post. II. 13. 78b 38*).

O mais famoso problema de estereometria era o da duplicação do cubo, também conhecido por «problema de Delos». Ter-se-ia originado, segundo uma das versões transmitidas por Eratóstenes, num oráculo dado aos habitantes daquela ilha, de que, para se verem livres da peste, tinham de duplicar as dimensões do altar, que era de forma cúbica. Consultados a este propósito os géometras da Academia, Arquitas de Tarento encontrou uma solução, e Eudoxo de Cnidos outra. Vide M. R. Cohen-I. E. Drabkin, *A Source Book in Greek Science*, Harvard University Press, 1958, pp. 62-66, e O. Bekker, *Das mathematische Denken der Antike*, Göttingen, 1957, pp. 75-80.

lhos, eles obedecer-lhe-iam, e as investigações, seguidas e vigorosas, chegariam a resultados evidentes. Pois mesmo agora, apesar de desprezados e amesquinados pela maioria, sem que formem ideia, os que tal investigam, da sua utilidade, mesmo assim, apesar de tudo isto, encontram-se em grande pujança, devido ao seu fascínio, e não admira nada que surjam à luz.

— São realmente estudos fascinantes e superiores. Mas explica-me mais claramente o que há pouco dizias. Colocavas primeiro o estudo das superfícies, a geometria?

— Colocava.

— Depois, punhas, a seguir a essa, primeiro a astronomia, depois, voltaste atrás.

— É que, com a pressa de percorrer rapidamente todas as ciências, em vez disso afrouxo¹³. Com efeito, a seguir fica o estudo metódico da dimensão da profundidade, mas como é estudada de uma forma ridícula, passei-a adiante, pondo após a geometria a astronomia, por ser o movimento das profundidades.

— Dizes bem.

— Ponhamos então em quarto lugar a astronomia, partindo do princípio de que a ciência que agora deixamos de lado existirá, se a cidade o deixar.

— É natural — replicou ele —. Há momentos, ó Sócrates, censuraste-me a propósito de ter elogiado grosseiramente a astronomia; agora vou elogiá-la segundo a tua maneira. Julgo evidente para toda a gente que essa ciência força todas as almas a olhar para cima e as conduz das coisas terrenas às celestes.

¹³ Trocadilho sobre o provérbio grego σπεῦδε βραδέως (em latim: *festina lente*), equivalente ao nosso «devagar se vai ao longe».

— Talvez seja evidente para toda a gente, excepto para mim; pois a mim não me parece tal.

— Como assim?

— Tal como a tratam actualmente os que quereriam elevar-nos até à filosofia, fazem-na olhar muito para baixo.

— Que queres dizer?

b — É de uma generosa audácia, me parece, a tua maneira de abordar o estudo das coisas celestes. Arriscas-te, na verdade, a supor que, se alguém estivesse a observar os ornatos do tecto, olhando para cima, e apreendesse qualquer coisa, tal pessoa estava a fazer essa contemplação com o pensamento, e não com os olhos. Talvez tu suponhas muito bem, e eu seja um simplório. Mas eu, por mim, não posso pensar em nenhum outro estudo que faça a alma olhar para cima, senão o que diz respeito ao Ser e ao invisível. Mas se uma pessoa emprender o estudo de qualquer coisa de sensível, quer esteja de boca aberta, a olhar para cima, quer de boca fechada, a olhar para baixo, jamais direi que ela tenha conhecimento — pois a ciência não tem nada a ver com tais processos — nem que a sua alma olha não para cima, mas para baixo, ainda que estude nadando de costas, na terra ou no mar¹⁴.

c — Tenho o que mereço, e tens razão em me censurar. Mas como é que tu dizes que era preciso aprender astronomia diferentemente do que agora se aprende, se quiseres sabê-la de maneira a ser útil ao nosso plano?

¹⁴ Todas estas alusões um tanto humorísticas parecem visar o episódio de *As Nuvens* de Aristófanes, em que Sócrates entra em cena suspenso numa cesta, para observar mais de perto os fenómenos celestes.

— Do seguinte modo — expliquei eu —. Estes ornamentos que há no céu, na medida em que estão incrustados no visível, devíamos realmente considerá-los o mais belo e perfeito de tudo o que é visível, mas muito inferiores aos verdadeiros — muito inferiores aos movimentos pelos quais a velocidade essencial e a lentidão essencial, em número verdadeiro, e em todas as formas verdadeiras, se movem em relação uma à outra, e com isso fazem mover aquilo que nelas é essencial: são os verdadeiros ornamentos, que se apreendem pelo raciocínio e pela inteligência, mas não pela vista. Ou pensas outra coisa?

— De modo nenhum.

— Devemos servir-nos, portanto, dos ornamentos celestes, como exemplos, para o estudo das coisas invisíveis, tal como se alguém encontrasse desenhos feitos por Dédalo¹⁵ ou qualquer outro artista ou pintor, delincados e elaborados de forma excepcional. Ao ver essas obras, um conhecedor da geometria pensaria que eram uma maravilha de factura, mas que seria ridículo examiná-las a sério, para apreender nelas a verdade referente às relações de igualdade, duplicação ou qualquer outra proporção.

— Como não haveria de ser ridículo?

— Mas o verdadeiro astrónomo — prossegui eu — não achas que pensará da mesma maneira ao olhar para os movimentos dos astros? E que há-de entender que da maneira mais bela por que podiam ser executados, assim foi que o demiurgo¹⁶ do céu o formou, a este e a tudo o que ele contém. Mas, quanto à proporção entre a noite e o dia, e entre

¹⁵ Segundo a tradição, as estátuas de Dédalo moviam-se, o que está de acordo com o «exemplo» das revoluções celestes escolhido.

¹⁶ Empregámos a palavra grega que figura também no *Timeu*, para designar o construtor do mundo.

d

e

530a

b estes e o mês, e entre o mês e o ano, e entre os outros astros e estes¹⁷, e uns com os outros, não achas que ele considerará absurdo que alguém julgue que são sempre assim, e nunca conhecem nenhum desvio, apesar de serem corpóreos e visíveis, e que procure de toda a maneira apreender a verdade deles?

— Ao ouvir-te, parece-me que sim.

c — É com problemas, portanto, que nos dedicaremos à astronomia, tal como à geometria; e dispensaremos o que há no céu, se quisermos realmente tratar de astronomia, tornando útil, de inútil que era, a parte naturalmente inteligente da alma.

— Realmente é um trabalho complicado, em relação ao que têm agora, esse que tu prescreves aos astrónomos.

— Penso que faremos prescrições para as outras ciências no mesmo estilo, se de alguma coisa servirmos como legisladores. Mas tens a lembrar alguma ciência que nos convenha?

— Não tenho — disse ele —, pelo menos, por agora.

d — Contudo, o movimento não oferece uma só forma, mas várias, ao que suponho. Enumerá-las todas é coisa que talvez um sábio possa fazer. Mas as que nos são visíveis, são duas.

— Quais?

— Além desta de que falei, há uma que lhe equivale.

— Qual?

— É provável que, assim como os olhos foram moldados para a astronomia, os ouvidos foram formados para o movimento harmónico e as próprias ciências são irmãs uma

¹⁷ Entenda-se: o Sol e a Lua, causadores das variações do dia, noite, mês e ano.

da outra, tal como afirmam os Pitagóricos e nós, ó Gláucón, concordamos. Ou não será assim?

— É — respondeu ele.

e — Ora, como a empresa é vasta, perguntar-lhes-emos o seu parecer sobre estas matérias e outras ainda além destas. Mas em todas as circunstâncias manteremos o nosso princípio.

— Qual?

— Que não tentem jamais que os nossos educandos aprendam qualquer estudo imperfeito e que não vá dar ao ponto onde tudo deve dar, como dizíamos há pouco a propósito da astronomia. Ou não sabes que fazem outro tanto com a harmonia? Efectivamente, ao medirem os acordes harmónicos e sons uns com os outros, produzem um labor improficuo, tal como os astrónomos.

— Pelos deuses! É ridículo, sem dúvida, falar de não sei que intervalos mínimos¹⁸ e apurarem os ouvidos, como se fosse para captar a voz dos vizinhos; uns afirmam ouvir no meio dos sons um outro, e que é esse o menor intervalo, que deve servir de medida; os outros sustentam que é igual aos que já soaram, e ambos colocam os ouvidos à frente do espírito.

b — Referes-te àqueles honrados músicos que perseguem e torturam as cordas, retorcendo-as nas cavilhas. Mas não vá a minha metáfora tornar-se um tanto maçadora, se insisto nas pancadas dadas com o plectro, e nas acusações contra as cordas, ou porque se recusam ou porque exageram — acabo com ela e declaro que não é desses que eu falo, mas daqueles que há momentos dissemos que havíamos de interrogar

¹⁸ Para definir o que seja *πικνώματα*, termo da linguagem musical, Adam cita Aristóxeno, Baquió e, entre os modernos, Schneider, que interpreta que «haec ipsa πικνά vel alia parva et

c sobre a harmonia. É que eles fazem o mesmo que os que se dedicam à astronomia. Com efeito, eles procuram os números nos acordes que escutam, mas não se elevam até ao problema de observar quais são os números harmónicos e quais o não são, e por que razão diferem.

— Tarefa divina, essa que tu dizes.

— Útil certamente, para a procura do belo e do bom, mas inútil, se se levar a cabo com outro fim.

— É natural.

d — Julgo que o estudo metódico de todas estas ciências que analisámos, se atingir o que há de comum e aparentado entre elas e demonstrar as afinidades recíprocas, contribuirá para a finalidade que pretendemos, e o nosso esforço não será vão; caso contrário, será inútil.

— Profetizo o mesmo. Mas o trabalho a que te referes é uma coisa ingente, ó Sócrates!

— Referes-te ao trabalho preliminar, ou a qual? Ou não saberemos nós que tudo isto é o prelúdio da ária que temos de aprender? Certamente não vais supor que os peritos nestes assuntos são dialécticos.

c — Por Zeus que não, excepto um reduzido número que encontrei.

— Ora bem! Já alguma vez te pareceu que pessoas incapazes de conduzir a discussão ou de dar a réplica saberão jamais seja o que for do que nós dizemos que é preciso saber?

— Também a isso responderei que não.

532a — Ora não é mesmo essa ária, ó Gláucon, que executa a dialéctica? Apesar de ser do domínio do inteligível, a facul-

tamen composita intervalla» se chamam assim «propter sonorum in angusto spatio quasi confertorum frequentiam». Veja-se ainda M. L. West, *Ancient Greek Music*, Oxford, 1992, p. 162.

dade de ver é capaz de a imitar, essa faculdade que nós dissemos que se exercitava já a olhar para os seres vivos, para os astros, e, finalmente, para o próprio Sol. Da mesma maneira, quando alguém tenta, por meio da dialéctica, sem se servir dos sentidos e só pela razão, alcançar a essência de cada coisa, e não desiste antes de ter apreendido só pela inteligência a essência do bem, chega aos limites do inteligível, tal como aquele chega então aos do visível.

— Absolutamente.

— Ora pois! Não chamas a este processo dialéctico?

— Sem dúvida.

— A libertação das algemas e o voltar-se das sombras para as figurinhas¹⁹ e para a luz e a ascensão da caverna para o Sol, uma vez lá chegados, a incapacidade que ainda têm de olhar para os animais e plantas e para a luz do Sol, mas, por outro lado, o poder contemplar reflexos divinos na água e sombras, de coisas reais, e não, como anteriormente, sombras de imagens lançadas por uma luz que é, ela mesmo, apenas uma imagem, comparada com o Sol — são esses os efeitos produzidos por todo este estudo das ciências que analisámos; elevam a parte mais nobre da alma à contemplação da visão do mais excelente dos seres, tal como há pouco a parte mais clarividente do corpo se elevava à contemplação do objecto mais brilhante na região do corpóreo e do visível.

d — Eu, por mim, aceito que assim seja. Contudo, afigura-se-me uma doutrina extremamente difícil de acatar, mas, por outro lado, também difícil de não admitir. Seja como for — uma vez que não havemos de ouvir discorrer sobre ela só agora, mas se há-de tornar ao assunto muitas outras

¹⁹ Platão retoma a alegoria da caverna.

vezes — admitamos que é tal como agora se afirmou, passemos à ária em si e analisemo-la, tal como analisámos o prelúdio. Diz então qual é o género de faculdade da dialéctica, em quantas espécies se divide, e quais os seus métodos. Pois são já esses métodos, ao que parece, que hão-de conduzir-nos ao sítio que, quando o alcançarmos, será para nós como que o repouso da viagem e o termo da peregrinação.

533a — Não serás capaz de continuar a acompanhar-me, meu caro Gláucon, — embora da minha parte não faltasse o empenho — pois já não seria a imagem de que falamos que tu verias, mas o verdadeiro bem, pelo menos como ele me aparece — se é realmente assim ou não, não vale a pena sustentá-lo, mas que a sua visão é qualquer coisa nesse género, deve manter-se. Não achas?

— Sem dúvida.

— E também que a capacidade dialéctica é a única que pode revelá-lo a quem tiver prática das ciências que há pouco enumerámos, o que não é possível por outro processo?

— Também isso merece manter-se.

b — Esta afirmação — disse eu — ninguém no-la contestará, a de que este é um outro método, que tenta, em todos os casos, apreender, por processo científico relativo a cada objecto, a essência de cada um. As outras artes todas têm em vista as opiniões e gostos dos homens, ou foram criadas todas para a produção e composição, ou para cuidar dos produtos naturais e artificiais. Quanto às restantes, aquelas que dissemos que apreendem algo da essência, a geometria e suas afins, vemos que, quanto ao Ser, apenas têm sonhos, que lhes é impossível ter uma visão real, enquanto se servirem de hipóteses que não chegam a tocar-lhes, por não poderem justificá-las. Se se principiar por aquilo que não se sabe, e se o fim e as fases intermédias forem entretecidas de

incógnitas, que possibilidade haverá jamais de que esta concordância se torne numa ciência?

— Nenhuma — respondeu ele.

— Ora bem — prossegui —. O método da dialéctica é o único que procede, por meio da destruição das hipóteses, a caminho do autêntico princípio, a fim de tornar seguros os seus resultados, e que realmente arrasta aos poucos os olhos da alma da espécie de lodo bárbaro²⁰ em que está atolada e eleva-os às alturas, utilizando como auxiliares para ajudar a conduzi-los as artes que analisámos. Demos-lhes por diversas vezes o nome de ciências, segundo o costume; porém, na verdade, precisavam de outra designação, mais clara do que a de opinião, mas mais obscura do que a de ciência — já a definimos como entendimento em qualquer ocasião anterior²¹; no entanto, a disputa não é, me parece, acerca do nome²², quando temos de examinar questões de tal envergadura, como as que nos aguardam.

— Pois não, realmente.

— Mas simplesmente aquele que indica como se exprime com clareza a disposição de espírito < bastará?

— Bastará²³. >

²⁰ A expressão é reminescente da escatologia popular, segundo a qual as almas castigadas no além jaziam no Hades atoladas no lodo. Cf. supra, Livro II. 363d, e nota 9.

²¹ Cf. supra, Livro VI. 511d-e.

²² Diversos comentadores chamam a atenção para a importância deste passo — um dos que mostram como a terminologia filosófica não estava ainda fixada. «Os Antigos tinham perfeita consciência deste facto, embora os modernos intérpretes de Platão o esqueçam com demasiada frequência» — comenta ironicamente Adam *ad locum*.

²³ O texto, que é pouco satisfatório, tem sido emendado de diversas maneiras. Seguimos, como habitualmente, o de Burnet.

534a

— Bastará pois — continuei eu — que, como anteriormente, chamemos ciência à primeira divisão²⁴, entendimento à segunda, fé à terceira, e suposição à quarta, e opinião às duas últimas, inteligência às duas primeiras, sendo a opinião relativa à mutabilidade, e a inteligência à essência. E, assim como a essência está para a mutabilidade, está a inteligência para a opinião, e como a inteligência está para a opinião, está a ciência para a fé e o entendimento para a suposição. Quanto à analogia das coisas em que se fundam estas distinções e à divisão em dois de cada uma delas, a da opinião e a do inteligível, deixemo-las ficar, ó Gláucon, para não nos enchermos de discussões muito mais intermináveis do que as que já tivemos.

b — Cá por mim sou do mesmo parecer em tudo, até onde sou capaz de te seguir.

— Acaso também chamas dialéctico aquele que apreende a essência de cada coisa? E aquele que não a possui, negará que quanto menos for capaz de prestar contas dela a si mesmo ou aos outros, tanto menos terá o entendimento dessa coisa?

— Pois que outra afirmação poderia fazer?

— Ora não é também da mesma maneira relativamente ao bem? Quem não for capaz de definir com palavras a ideia do bem, separando-a de todas as outras, e, como se estivesse numa batalha, exaurindo todas as refutações, esforçando-se por dar provas, não através do que parece, mas do que é, avançar através de todas estas objecções com um raciocínio infalível — não dirás que uma pessoa nestas condições não conhece o bem em si, nem qualquer outro bem, mas, se acaso toma contacto com alguma imagem, é pela

²⁴ Retoma-se aqui o símile da linha (supra, vi, 509 seqq.).

opinião, e não pela ciência que agarra nela, e que a sua vida actual a passa a sonhar e a dormir, pois, antes de despertar dela aqui, primeiro descerá ao Hades para lá cair num sono completo?

— Por Zeus, tudo isso eu sustentarei afincadamente.

— Mas, se um dia tiveres de facto de educar na prática aquelas crianças que educas e instruis em palavras, não consentirás, segundo creio, que sejam como simples quantidades irracionais²⁵, se têm de governar a cidade e de ser senhores das altas instâncias.

— Claro que não.

— Estabelecerás então para eles a lei de que devem sobretudo aplicar-se à educação pela qual se tornarão capazes de interrogar e de responder da maneira mais sábia?

— Estabelecê-la-ei, juntamente contigo.

— Achas então que a dialéctica se situa para nós lá no alto, como se fosse a cúpula das ciências, e que estará certo que não se coloque nenhuma outra forma do saber acima dela, mas que representa o fastígio do saber?

— Acho que sim.

— Resta-te, agora, fazer a repartição pelas pessoas a quem destinaremos estes estudos, e de que maneira.

— É evidente.

— Lembra-te, da nossa primeira escolha dos chefes, quais é que nós seleccionámos?

— Como não havia de lembrar-me?

— De toda a maneira, quero que penses que devem ser essas naturezas que têm de se escolher; devem preferir-se os mais firmes e corajosos e, até onde for possível, os mais formosos; além disso, devem procurar-se não só os de carácter

²⁵ Mais uma imagem tirada da matemática.

nobre e másculo, mas também as características naturais condizentes com o nosso esquema de educação.

— Quais são as características que determinas?

— Precisam, meu caro, de ter agudeza de espírito para o estudo e não ter dificuldade em aprender. É que as almas tomam-se muito mais do receio dos estudos aturados do que dos exercícios de ginástica. Efectivamente, o esforço que fazem é mais íntimo, uma vez que é só deles, e não partilhado pelo corpo.

— É verdade.

c — Tem de se procurar também a memória, a força e gosto pelo trabalho em todas as suas formas. Ou de que maneira pensas que ele consentiria em aguentar o esforço físico e levar a cabo tamanho estudo e exercícios?

— Ninguém quereria — respondeu ele —, a menos que tenha toda a espécie de dotes naturais.

— O certo é que o erro actual — prossegui eu — e a desvalorização que por esse motivo recaiu sobre a filosofia, como já antes referimos, provém de se ocuparem dela os que não estão à altura. Não deviam ser os bastardos a tratar dela, mas os filhos legítimos.

— Como assim?

d — Em primeiro lugar, quem emprende este estudo não deve claudicar no amor ao trabalho, sendo em metade das coisas esforçado, e na outra metade inactivo. Isso acontece, quando alguém tem gosto pela ginástica e pela caça, e faz de boa vontade todos os esforços físicos, mas não gosta de aprender, nem de escutar nem de investigar, antes detesta os esforços dessa espécie. Claudica também aquele cujo amor pelo trabalho tomou a direcção oposta.

— Falas verdade.

— Ora também quanto à verdade, não classificaremos, da mesma maneira, de estropiada, a alma que abomina a mentira voluntária, e dificilmente a suporta em si, e se indigna com a dos outros, mas aceita benevolmente a involuntária, e, quando acusada de nada saber, não se agasta, antes refocila despreocupada como um porco, no lamaçal da sua ignorância?

— Exactamente.

— E em relação à temperança, à coragem e à grandeza de alma e a todas as partes da virtude, não se deve prestar menos atenção, em distinguir quem é bastardo e quem é legítimo. Pois, quando não se sabe reconhecer perfeitamente esses predicados, quer seja um particular, quer uma cidade, servem-se inconscientemente de coxos e bastardos para quaisquer desses serviços que apareçam, como amigos, no primeiro caso, como governantes, no segundo.

— É isso mesmo.

— Ora somos nós que temos de tomar precauções em relação a todos esses casos. Se formos buscar homens de boa constituição física e intelectual, para os educarmos nestes estudos e treinos, a própria justiça não terá nada a censurar-nos, e salvaremos a cidade e a constituição. Mas, se trouxermos para estas actividades pessoas sem valor, obteremos o efeito exactamente inverso, e despejaremos sobre a filosofia uma onda de ridículo ainda maior.

— Seria realmente uma vergonha — comentou ele.

— Absolutamente — disse eu —. Mas parece-me que eu mesmo, de momento, estou também a ser ridículo.

— Em quê?

— Esqueci que estávamos a brincar, e falei com demasiado zelo. É que, enquanto falava, pus os olhos na filosofia, e, ao vê-la indignamente enlameada, irritei-me, e parece-me

e

536a

b

c

que, como se me tivesse encolerizado contra os responsáveis, proferi aquelas palavras com excessiva seriedade.

— Por Zeus que não, pelo menos, que eu ouvisse!

d — Mas é-o para mim, que sou o orador. Não esqueçamos que, na nossa primeira selecção, escolhemos velhos, e que nesta eles não têm lugar. Pois não se deve acreditar no que diz Sólon²⁶, que se é capaz de aprender muita coisa enquanto se envelhece, pois ainda aprenderia menos que a correr²⁷; porquanto os trabalhos grandes e múltiplos são todos para os jovens.

— Forçosamente.

— Portanto, desde crianças que devem aplicar-se à ciência do cálculo, da geometria e a todos os estudos que hão-de preceder o da dialéctica, fazendo que não sigam contrafeitos este plano de aprendizado.

— Que queres dizer?

e — Que quem é livre não deve aprender ciência alguma como uma escravatura. E que os esforços físicos, praticados à força, não causam mal algum ao corpo, ao passo que na alma não permanece nada que tenha entrado pela violência.

— É exacto.

537a — Por conseguinte, meu excelente amigo, não eduques as crianças no estudo pela violência, mas a brincar, a fim de ficares mais habilitado a descobrir as tendências naturais de cada um.

— É lógico o que dizes.

²⁶ Alusão ao fr. 18, WEST de Sólon: «Envelheço aprendendo sempre muita coisa».

²⁷ Provavelmente, alusão a um provérbio, como supuseram Adam e outros, que significaria que é mais fácil a um velho correr do que aprender.

— Não te lembras que afirmámos que era preciso levar as crianças ao combate, para o observarem de cima dos cavalos, e que, se houvesse condições de segurança, se deviam aproximar e provar o sangue, como os cães?

— Lembro-me.

— Em todas estas ocasiões, trabalhos, estudos e receios, aquele que se mostrar sempre mais ágil, deves pô-lo num grupo à parte.

— Em que idade? — perguntou ele.

b — Na idade em que abandonam os exercícios gímnicos obrigatórios, porquanto nesse período de tempo, quer seja de dois, quer de três anos, é impossível fazer qualquer outra coisa. É que a fadiga e o sono são os inimigos do estudo. Ao mesmo tempo, esta é uma prova e não das menores, para saber quem é que brilha na ginástica.

— Como não o seria?

c — Depois desse período, os que forem escolhidos, de entre os que completaram vinte anos, terão honras mais elevadas do que os outros, e apresentar-se-lhes-ão em conjunto os estudos feitos à mistura na infância, para verem o parentesco dos estudos uns com os outros e com a natureza do Ser.

— Só esse aprendizado permanecerá solidamente naqueles em quem se fizer.

— É também a melhor prova para saber se uma natureza é dialéctica ou não, porque quem for capaz de ter uma vista de conjunto é dialéctico; quem o não for, não é.

— Concordo.

d — Terás, portanto, de fazer esse exame, para saber quais dentre eles possuem tais qualidades em mais alto grau e quais são sólidos nas ciências, sólidos na guerra e nas restantes exigências da lei; a esses, logo que completem os trinta anos, depois de os seleccionares dentre os já escolhidos,

deves elevá-los a maiores honrarias e observar, experimentando a sua capacidade dialéctica, quem é capaz, prescindindo dos olhos e dos outros sentidos, de caminhar em direcção ao próprio Ser pela verdade. E então é que é a ocasião de grandes precauções, meu amigo.

— Porquê?

e — Não reparaste até que ponto cresce o mal de que actualmente enferma a dialéctica?

— Qual?

— Está cheia de desordem.

— E muito.

— Achas então que é surpreendente o que eles experimentam, e não lhes perdoas?

— Perdoar? De que modo?

538a — Por exemplo — expliquei eu —, se uma criança adoptada fosse criada no meio de grandes riquezas numa família numerosa e importante, e entre muitos lisonjeadores, e se, ao chegar à idade viril, percebesse que não pertencia aos que se diziam seus pais, e não pudesse encontrar os que na verdade o tinham gerado, és capaz de adivinhar quais as suas disposições para com os lisonjeadores e os que o haviam adoptado, naquele tempo em que não sabia da adopção, e naquele em que teve conhecimento disso? Ou queres ouvir-me adivinhar?

— Quero — disse ele.

b — Adivinho então que ele honraria mais o pai e a mãe e os demais supostos familiares, do que os lisonjeadores, e que a sua indiferença seria menor, se algo necessitassem, e que seria menos mau para com eles, em actos e em palavras, que, nas coisas principais, lhes desobedeceria menos do que aos lisonjeadores, no período em que desconhecesse a verdade.

— É natural.

— Ora, quando se apercebesse da realidade, adivinho que afrouxaria nas honras e zelo para com os pais adoptivos, se fortaleceria para com os lisonjeadores, que lhes obedeceria de modo diferente do anterior, que passaria a viver à moda deles, convivendo abertamente com eles, e sem se importar para nada com aquele pai e os restantes supostos familiares, a não ser que fosse por natureza indulgente. c

— Dizes tudo exactamente como havia de suceder. Mas em que é que esta metáfora se aplica aos que empreenderam o estudo da dialéctica?

— Da seguinte maneira: desde a infância que temos máximas acerca do justo e do honesto, nas quais fomos criados como se elas fossem nossos pais, obedecendo-lhes e honrando-as.

— Temos, sim.

— Ora há também outras prescrições opostas a estas que são apazíveis, que lisonjeiam a alma e a atraem a si, mas que não convencem quem tiver algum senso. Mas honram as máximas paternas e é a elas que obedecem. d

— Ora pois! Se se fizer a uma pessoa nessas condições esta pergunta: «Que é o honesto?», e, depois de ela responder o que ouviu ao legislador, a sua argumentação ficar confundida, e depois de ser refutada muitas vezes e em muitos pontos, for atirada para a opinião de que o honesto não é mais honesto do que o vergonhoso, e se com o justo, o bom e as qualidades que ela mais venerava se fizer da mesma maneira, depois disso, que atitude julgas que ela tomaria, em relação a elas, no que respeita a honra e obediência? e

— É forçoso que não mais as honre nem lhes obedeça da mesma maneira.

- 539a — Logo, quando não tiver já essas máximas na conta de preciosas e familiares, como anteriormente, sem que descubra qual é a verdade, acaso é natural que se acolha a qualquer outro género de vida, que não seja o que o lisonjeia?
- Não é.
- Então de pessoa obediente à lei, que era, dará a impressão de se transformar num rebelde.
- Forçosamente.
- Logo são naturais os sentimentos que experimentam os que abordam a dialéctica nestas condições e, como há pouco disse, é digno de muita compreensão.
- E de comiseração.
- Ora, para que essa comiseração não recaia sobre os teus homens de trinta anos, não deves tomar todas as precauções quando empreendem o estudo da dialéctica?
- Todas, absolutamente.
- b — Ora não será uma precaução segura, não os deixar tomar o gosto à dialéctica enquanto são novos? Calculo que não passa despercebido que os rapazes novos, quando pela primeira vez provam a dialéctica, se servem dela, como de um brinquedo, usando-a constantemente para contradizer, e, imitando os que os refutam, vão eles mesmos refutar outros, e sentem-se felizes como cachorrinhos, em derriçar e dilacerar a toda a hora com argumentos quem estiver perto deles.
- É espantoso como eles gostam!
- Ora depois de terem refutado muita gente, e, por sua vez, terem sido refutados por vários, caem rapidamente e em toda a força na situação de não acreditar em nada daquilo em que dantes acreditavam. E por este motivo, eles mesmos e tudo o que respeita à filosofia são caluniados perante os outros.
- c

- Exactamente.
- Ao passo que quem é mais velho — prossegui eu — não quererá participar desta loucura, imitará o que quer discutir para indagar da verdade, de preferência àquele que se entretém a contradizer, pelo gosto de se divertir; ele mesmo será mais comedido e tornará a sua actividade mais honrada, em vez de mais desconsiderada.
- d
- É isso mesmo.
- Ora não foi para nos precavermos disso o que anteriormente dissemos, que é às pessoas moderadas e firmes por natureza que se dará acesso à dialéctica, e não, como agora, a quem por acaso a abordar sem estar nada indicado para isso?
- Absolutamente.
- Para aprender a dialéctica, basta permanecer com continuidade e aplicação, sem fazer mais nada, por analogia com os exercícios de ginástica que diziam respeito ao corpo, o dobro dos anos daquele aprendizado?
- e
- Queres dizer seis anos, ou quatro?
- Vamos lá! Põe-lhe cinco! Depois disso, deves mandá-los descer novamente à tal caverna e forçá-los a exercer os comandos militares e quantos pertencem aos jovens, a fim de que não fiquem atrás dos outros, nem mesmo em experiência. E até nesses lugares têm de ser postos à prova, a ver se, solicitados em todos os sentidos, se mantêm firmes ou se deixam abalar.
- 540a
- E, para isso, quanto tempo marcas?
- Quinze anos — disse eu —. Quando tiverem cinquenta anos, os que sobreviverem e se tiverem evidenciado, em tudo e de toda a maneira, no trabalho e na ciência, deverão ser já levados até ao limite, e forçados a inclinar a luz radiosa da alma para a contemplação do Ser que dá luz a todas as

b

coisas. Depois de terem visto o bem em si, usá-lo-ão como paradigma, para ordenar a cidade, os particulares e a si mesmos, cada um por sua vez, para o resto da vida, mas consagrando a maior parte dela à filosofia; porém, quando chegar a vez deles, aguentarão os embates da política, e assumirão cada um deles a chefia do governo, por amor à cidade, fazendo assim, não porque é bonito, mas porque é necessário. Depois de terem ensinado continuamente outros assim, para serem como eles, e de os terem deixado como guardiões da cidade, na vez deles retirar-se-ão para habitar nas Ilhas dos Bem-Aventurados²⁸. A cidade erigir-lhes-á monumentos e sacrifícios públicos, na qualidade de divindades, se a Pítia o autorizar²⁹; caso contrário, de bem-aventurados e divinos.

c

— São uma formosura os governantes que tu modelaste, como se fosses um estatuário, ó Sócrates!

— E as governantes também, sem dúvida, ó Gláucon! Não vás julgar que o que eu disse se aplica mais aos homens do que às mulheres, a quantas dentre elas são dotadas de uma natureza capaz.

— Exacto, se na verdade tiverem tudo em comum com os homens, conforme a nossa análise.

d

— Ora pois! Concordais que não são inteiramente utopias o que estivemos a dizer sobre a cidade e a constituição; que, embora difíceis, eram de algum modo possíveis, mas não de outra maneira que não seja a que dissemos, quando os governantes, um ou vários, forem filósofos verdadeiros, que desprezem as honrarias actuais, por as considerarem

²⁸ Sobre as Ilhas dos Bem-Aventurados, vide supra, nota 2.

²⁹ Ao oráculo de Delfos competia sancionar os novos cultos. Cf. supra, Livro IV. 427c e nota 15.

impróprias de um homem livre e destituídas de valor, mas, por outro lado, que atribuem a máxima importância à rectidão e às honrarias que dela derivam, e consideram o mais alto e o mais necessário dos bens a justiça, à qual servirão e farão prosperar, organizando assim a sua cidade?

e

— Como?

— Todos aqueles que tenham ultrapassado os dez anos, na cidade, a esses mandá-los-ão todos para os campos; tomarão conta dos filhos deles, levando-os para longe dos costumes actuais, que os pais também têm, criá-los-ão segundo a sua maneira de ser e as suas leis, que são as que já analisámos. E assim, da maneira mais rápida e mais simples, se estabelecerá o Estado e a constituição que dizíamos, fazendo com que ele seja feliz e que o povo em que se encontrar valha muito mais.

541a

— Mesmo muito — respondeu —. Como ele poderá realizar-se, se é que jamais se realizará, é coisa que me parece que explicaste muito bem, ó Sócrates.

b

— Não será já bastante a nossa discussão acerca desta cidade e do homem semelhante a ela? Pois também é evidente de que maneira determinaremos que seja.

— É evidente — respondeu ele —. E, conforme a tua pergunta, parece-me que atingimos o termo da discussão.